

As ASSIGNATURAS são de
2\$ por trimestre, 4\$ por
semestre e 8\$ por anno
para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem
ser remetida a rua do
Príncipe dos Ceajós
n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Velasco

O DOMINGO

Rio, 7 de Fevereiro de 1874.

O amor materno

Emissão da divindade, a mãe é o ente a quem devemos amar sobre todos os outros entes, porque a elia devemos a existencia, porque é ella que guia os nossos primeiros passos no sahir do berço, e que, assemelhando-se a um anjo consolador, vela por nós até descermos à sepultura.

O homem, pela sua asperesa natural, é incapaz de desenvolver na criança as primeiras faculdades; assistida da infância pela sua situação social, elle ignora que sentimentos deva excitar, as molas que ha de mover, e nem sabe adivinhar as preciosas destas tenras intelligencias, cuja linguagem desaprendeu, nem dirigir-lhes as vontades, nas quaes já não sabe ler.

As mães e só as mães podem squillo que nunca o homem será capaz de tentar, com feliz exito; pelo menos até a época em que o infante, já nancebo, se possa aproveitar das suas lições scientificas.

Portanto, só às mães cabe exercer as funcções, para que a natureza as creou.

Ao homem neste caso só cumpre despertar no espírito das mães o sentimento dos seus deveres, e achanar-lhes todas as dificuldades que poderiam pôr-lhes barreiras, não ao valor, mas à modestia.

Muito podem as mães, porque o coração da mulher é thezouro de affeção infinita; e a mulher não deve cessar um instante de ser mãe; e, visto haver a Providencia posto a seu dispor tudo o que é essencial à existencia de seus filhos, não lhe não entregar a peitos mercenários.

mais o doce cargo de lh'os sustentar, salvo quando nisso perigar a sua vida.

E' pois de absoluta necessidade que a mãe cria seus filhos; a sua ternura lhes deve ministrar todos os socorros; importa que ella responda no seu primeiro balbuciar, para que elles não ouçam senão palavras de amor.

Quando a criança começa a fallar, novos deveres crescem à mãe e então se torna importante sua missão de mestra; porque dessa primeira educação, que lhe vai dar, depende a sorte futura do discípulo.

Não é só acariciando, beijando e satisfazendo a todos os caprichos dos filhos que se incute nelles o amor pela mulher que lhes deu o ser; não; é tornando-lhes, como diz Pinharco, e afeiçoando lhes os costumes, visto que n'a idade tenra está apta para receber toda a casta de impressões, que se estampará facilmente nos corações tudo o que approuver a nós—mães.

Platão judiciosamente dverte às mães e às amas que não contem a essas crianças toda a sorte de fábulas, porque isso lhes recheará as almas de desvarios e erradas opiniões. Todo o apreço que se fizer destes prudentes conselhos será ainda pouco.

E insistiremos nelles; porque a mãe que delles se desviar incutirá idéas corruptas e destemperos nos filhos.

(Continua)

O que sentimos

Encarecer com os nossos elogios a mimosa e sentimental poesia que em outro lugar publicamos, e que está assignada por um dos mais distintos litteratos da nossa patria, o Sr. conselheiro Octaviano, seria desmerecer-lhe o mérito.

Os nossos leitores que se banqueteiem com ella.

A thesoura

A este instrumento de ferro ou de aço deve muito a humanidade.

E' elle que corta o cordão umbilical da criança recém-nascida; foi com elle que a bela Dalila aniquilou a força de Sansão.

E Sansão não foi o primeiro nem o último amante que saíu tosquiado das mãos de uma mulher.

A duqueza de Montpensier contava fazer outro tanto a Henrique III de França, e trouxe por muito tempo ao lado a thesoura que transformaria a quelle monarca effeminado, em moage, abrindo-lhe a unica corda que devia usar.

A thesoura tem prestado e presta serviços importantes à sociedade.

E' a thesoura que tallia com elegancia os estofoes que vestem as mulheres, sem lhes occultar a belleza da forma.

E' a thesoura que ajusta a casaca, transformando o homem em elegante figurino.

E' a thesoura que nas mãos do jardineiro rivalisa com o cinzel do escultor.

Sem a thesoura teríamos por ventura chás d'água tão nulos e asseados?

Sem ella conservaríamos os cabellos cortados; segundo a moda?

Sem ella não seríamos obrigados a usar as unhas compridas, como na China, ou a roel-a?

A utilidade da thesoura nas artes mecanicas, e para os usos domesticos, é incontestável.

Pôde-se afirmar, sem receio, que em litteratura, por exemplo, a thesoura é tão útil como era útil o canivete, porque se este servia (e a poucos ainda serve) para aparar a pena, aquella serviu e serve para fazer livros; e ai... do pobre jornalista se não houvesse a thesoura!

E' evidente ainda que a thesoura é útil, primeiro nos tosquiadores, porque os tosquiadores são pagos para tosquiari, e depois à sociedade, porque se prova que, passando pela ação da thesoura, os tosquiados ganham em inocencia o que perderam em energia.

O literato que publica, mais ou menos, dez volumes por anno, nunca deixa de usar da thesoura. O mais fecundo dos historiadores modernos tem-se servido igualmente da thesoura; e se enriquecem com as historias folheteadas a thesoura então uma espécie de buril de Clio.

Houve um escriptor que disse que as academias do mundo deviam um dia lembrar-se de propor aos seus caríssimos confrades, para um concurso annual, o Elogio da thesoura.

O valor da thesoura é tal que o imperador de Marrocos usa nas suas armas a thesoura, o que prova que naquelle imperio é ella também um attributo do poder.

LITTERATURA

Clotilde

Romancete oferecido à ilustrada redactora do — Domingo —

(Continuação do n.º 11)

II

Recolhido ao meu quarto, senti um calor tropical, e mal pude conciliar o sono.

Noda seguinte, embalado em projectos de felicidade eterna, senti correr as horas ligeiras como os secas no céo.

Ai! que de venturas não imaginava então. Foi um delírio, foi uma febre de amor, foi um sonho do oriente, mas sonho, febre e delírio, tudo se esvaeceu na campa...

III

Absorto e engolhido no pelago do sentimento, entrei em casa de Clotilde, que me apareceu vestida de branco, com os cabellos negros e longos a arraiarem-lhe a testa, e descuidados pelas costas. Parecia uma fada vaporosa e casta que sahia da sua gente. Allucinado, transportado nos arroubos do mais intenso amor, senti um grito de alegria. Assim comei o manha que se vê perdido no meio das ondas, sem norte e sem rumo, distinguindo já o resplendor da morte no sibiloso sinistro da procella; vendo os nivos tempestuosos dos animaes marinhos que se acercam em volta do navio, escancarando as enormes bocas rodeadas de fendas de dentes; sentindo o coração a confranger-se quando arrebentam os cabos, se rasgam as velas e racham os mastros impelidos pelo sopro gigante da refreia; se por ventura entrevê, através da negra cerração e das nuvens caliginozas, um suave e brando sorriso da virgem que aparece consoladora por entre os mias da esperança, ajoelha, põe as mãos, e reza uma prece sentida e verdadeira; assim também, perseguido dos receios e doidas, me lancei aos pés de Clotilde e beijei-lhe a orla do vestido.

Reconheci espavorida. Estava tão linda! Queria ir-se embora, mas em retive-a um momento.

— Ah! Clotilde foi Deus que aqui me trouxe para no meio da maior turbação do animo e do coração, confessar-lhe que a amo... e juro-lhe que se me não amo, buscarei a morte.

Ella não me respondeu. Vi-a corar, e o peito arfar-lhe ansioso. E desfolhou uma rosa que tinha na mão, ciciando baixinho:

— O que representas tu neste mundo, triste flor? Um sentimento que já não existe...

— Que faz, Clotilde, exclamei erguendo-me e travando-lhe da mão. Porque desfolhou a pobre florzinha? Porque ella exprime um sentimento que já não existe? Mas se soubesse e quizesse ler no meu coração confesso o seu erro. Eu amo-a, de novo lhe digo, embora não acredite, e este amor é a luz da minha vida. Se ella se apagar por lhe faltar o óleo sagrado, só no eterno esquecimento encontrarei alívio a tantas magozas.

IV

Sem me responder encaminhou-se para o seu jardim, que assemelhava-se ao eden bíblico. Respirava-se ali um suave perfume. As flores exhalavam, d'envolta com a fragrância, uma voluptuosidade celeste, que derramava na alma consolo e poesia. Não se ouvia o ciciar da brisa, nem os quebros dos passaros. Nenhum ruído terreno vinha interromper a solemne e magestosa solidão.

Obriguei docemente Clotilde a assentar-se num banco de relva; eu fiquei de pé, contemplando-a embevecido.

V

Era uma virgem encantadora. Uns raios de frouxa luz, furtivos e voluptuosos, vinham bater-lhe de soslaio sobre a face ligeiramente rosada. Uma camelie, ainda meia fechada, desprendendo-se da roseira, pendia-lhe graciosa sobre o ombro, como que a beijar-lhe docemente o colo niveo. Parecia uma santa no seu nicho de flores, erguido pela piedade dos fieis, tão puro e tão casto era o seu porte, e tão virtuoso o seu olhar angelico.

Os arroubamentos do meu amor já se não erguiam insucessos na mais intensa ardencia; antes havia uma adoração sincera e vehementemente. Clotilde era para mim uma virgem catholica, e não uma Venus paga.

Ouvi de repente um soluçar agudo e plangente. Olhei para ella e vi-lhe duas lagrimas que pendiam das palpebras, como em alvorada de inverno pendem os cristaes da relva vecejante.

Perguntei-lhe porque chorava, e ella, fitando os olhos humidos nos meus, com a falla tremula, respondeu-me:

— Ah! confessou-me o seu amor, e eu....

— E tu, interrompi beijando-lhe enternecido, a mão

— E eu amo-o tambem. Mas tenho presentimento de que este amor nos ha de ser fatal.

— Jamais. Com o teu amor, Clotilde, sabendo que esse coração só bate por mim, de nada arrecoio. A minha felicidade só depende de ti.

Clotilde sorriu tristemente, e, levantando-se partiu, antes, esvaeceu-se como uma vizio. Eu fiquei extatico e mudo como se me houvera fugido a luz dos olhos

(Continua)

PARTE RECREATIVA

A hora das trindades

(FOLHA SOLTa)

A hora das trindades é a hora das saudades, é a hora da melancolia; e para quem deixou a patria, ainda que tenha o coração empedernido, é uma hora de solemne tristeza.

Quem está longe de tudo que ama e ouve de subito bater Trindades em alguma capelinha estrangeira, estremece de certo, e na memoria ingrata se lhe aviva subitamente esse quadro obliteratedo, esse panorama vasto e melancolico, essas sombras estumadas de crepusculo, essas estrelas de ouro fino e todo esse perfume indefinivel da patria que nessa hora resconde mais intenso do que nunca das campinas.

Então surge-lhe diante dos olhos pallida e triste a imagem do ente que mais amou na terra, que lhe forá berço.

As bafagens do vento trazem-lhe como em um murmurio vago as ultimas notas que o virá a hora da despedida; e elle diz, recolhido em si, «A estas horas, é lá na minha terra o largar do trabalho. A minha velha mãe rezava por mim & virgem, e deita azeite na lamparina que arde sempre diante da imagem, balbuciando o meu nome!»

E o infeliz peregrineiro, cabisbaixo, com as lagrimas nos olhos e trazido das mais vivas saudades, se descambar do dia, recolhe-se ao

vento, tão ermo e solitário

rio como o seu coração, e lembra-se, mais que nunca, da patria e daquelle que lhe deu o ser.

Maximas e pensamentos

A vida é um ponto entre duas eternidades.

A esperança é necessaria ao coração como o sol é existencia das flores.

As mulheres devem enfeitar-se com virtudes e sciencia, com asseio e decencia.

Uma mulher virtuosa, elegante e instruida é o mais completo ornamento da sociedade.

O tocador de uma senhora é tão necessario como os livros; estes ornam a alma, e aquelle enfeita o corpo.

A moda no vestuario, nas mobilias e em outras cousas semelhantes acrescentam o luxo, desenvolvem a industria e a civilisacao; mas estas vantagens pagam-se as vezes bem caras; muitas familias arruinam-se completamente, esquecendo-se da indispensavel economia, correm ajois da incostante moda e não duvidam sacrificar os seus proprios bens, e ainda o futuro de seus proprios filhos.

Quinquilharias

Um dia as divindades representantes da riqueza, dos deleites, da saude e da virtude, apresentaram-se ao povo da Grecia reunido nos jogos olympicos, afim de marcar-se lugar, segundo o grau da sua influencia sobre a felicidade do homem.

A riqueza disse: — Eu sou grande; sem mim não ha alegria; o mundo sem mim é um deserto.

Coube ao prazer falar. — As riquezas, disse, seriam inuteis se não existisse; sou eu, pois, quem deleita e embriga as almas.

Seguiu-se a saude. — Sem mim, gritou ella, não ha felicidade; sem mim as riquezas são inuteis e os prazeres amargos.

A virtude, placida e serena, levantou-se, e dominando o auditorio, com voz suave, disse — Sou eu a verdadeira felicidade; sem mim nem as riquezas, nem os prazeres, nem a saude duram muito; sem mim todas estas cousas são verdadeiros males.

Estas palavras foram cobertas de estrepitosos aplausos, e a assembléa unanimemente resolveu dar o primeiro lugar à virtude e o segundo à saude.

Esta ficção moral é de Crantor, poeta e philosopho platonico, que floresceu 315 annos antes de Christo.

Os medicos antigamente receitavam em latim.

Conta-se que um pozera em uma receita um qui, em lugar de um quo, o que fez com que o boticario envenenasse o doente.

E' por isso que ainda hoje se diz em franez: «Deus nos livre dos qui pro quo dos boticarios e dos elocteras ou tabellines.»

Poesia

Invejo a sorte do espelho
Que namoras n'ite e dia
Com tanta tafularia.

Invejo o fino candal,
Leve cambraia de linho,
Que te roça no corpinho.

Invejo o chão que tu pisas,
A fia com que te enfeitas,
O banho em que te deleitas.

Mas a mão que tu apertas
O braço que te sustenta,
A voz que escutas atenta,

Não podem causar-me inveja
Porque te conheço bem,
Typo de fino desdém!

Se te sorris — é mentira
Se te meigas — ironia
Se te rendes — zombaria.

Ai da vítima infeliz
Que se quer por um instante
Acredita em seu semblante.

Corre o paño, a scena muda,
A comédia dura pouco,
E zombas do pobre louco.

Eu invejar as tuas finezas!
Invejar os teus favores,
Teus suspiros, teus amores! . . .

Quem te conhece, mulher,
Ha de ter a experiência
Que és fingida por essência.

O que invejo é seu espelho,
Que namoras n'ite e dia,
Com tanta tafularia.

Invejo o fino candal,
Leve cambraia de linho,
Que te roça no corpinho.

Invejo o chão que tu pisas
A fia com que te enfeitas,
O banho em que te deleitas.

F. OCTAVIANO.

Dezengano

Mas, emigre-me a idéa da incerteza,
Que existe no amor que te hei votado;
E as sombras apparecem simulando
A idéa que não posso ser amado.

(CARTANO DRAGUMIRO)

Não tens pena de mim, vês-me abatido
Nas faces pallidas semelhando a morte;
No olhar desvairado revelando
Um bastardo da sorte.

Foste um azjo, sim, quanto é soberba,
Curvaste as tuas plantas moribundo
Quem dão-te a vida e o coração tremente,
Quem te amou neste mundo

crianças me illudirão essas phrases
Mas a perança n'um amor d'irrealo,
E tu o é morto em ti e só Deus sabe
Se ainda tens coração.

E quem te amara mais, quem te votara
Mais encasas no porvir, quem forá creite,
Arrasar o perigo a que me expunha
Por ti, por ti somente

E quanto amor te dei, e só Deus sabe
Quanta pranto verdi, quanta angústia,
Naquelles dias de cruento exilio,

De negra desventura

E tudo supportei resignado
Entregue a tirannia do abandono,
Em ti, ali só em ti em confessa.

Em descuidado sono,

E o vés da illusão desfeito agora
A cõr mudou do céo e o meo fúntro,
E do horizonte a tetrica tormenta

Toldou o que era puro.

E que me resta? dize, tu nas salas
Entregue aos risos, ao prazer das daus,
No volteio do walsar inebriado,

E eu sem esperança!

Cruel, sempre cruel, que mais desejas?
Toma o punhal e crava no meu seio,
Bebe o meu sangue e vinga-te contente,

Recusas, tens receio?

O que posso tentar como defesa,
Alma sem vida e crença sem conforto,
Tu que acendeste a chama no meu seio

E me contemblas morto!

ALVARÉNGA NETTO.

Charadas

Com pequena alteração
A's avessas sou uma ave,
A' direitas uma flor 2

Sem nenhuma alteração
A's direitas sou um nome,
A's avessas uma cõr 2

Sou um nome bem bonito,

E de mulher, sim, senhor.

Quem se occupa em ciladas,
Aos incantos innocentes 2

Se isto faz tem caridade,

E torna os tristes contentes 1

CONCEITO

Não sei a razão porque
Os homens me fazem ter
Um nome, que não mereço
Senão depois de morrer.

Na muzica 1

No espaço 2

No mar.

A dicificação das charadas do numero antecedente
6: a 1º, Armario e a 2º, Josefina.

Typ. da Lyra de Apollo—rua da Alfandega 185